

A importância da mitologia dos orixás para a construção do imaginário umbandista

The importance of orishas' mythology for umbandist imaginary development

*Giulia Cerqueira Mares Esposito*¹
*Sênia Regina Bastos*²

Resumo

Este artigo tem como objetivo a análise da mitologia dos orixás na criação do imaginário umbandista, seus arquétipos, signos e símbolos. Os orixás são deidades do panteão Iorubá cultuados nas religiões africanas e afro-diaspóricas, como a Umbanda e o Candomblé keto-nagô. A análise da mitologia dos orixás foi realizada por pesquisa documental a partir de um universo de 301 mitos de 32 orixás privilegiou para isso a análise de mitos referentes a nove Orixás cultuados na Umbanda: Ogum, Oxóssi, Nanã, Obaluaiê, Xangô, Iansã, Oxum, Iemanjá e Oxalá. A interpretação simbólica dos mitos permite a compreensão dos arquétipos e significados presentes neles. A mitologia possui, então, um poder simbólico na criação do imaginário social, além de ser importante para a compreensão do mundo.

Palavras-chave: Umbanda; Orixás; Mitologia; Imaginário; Arquétipo.

Abstract

The paper analyzes orishas' mythology and umbandist imaginary development, its archetypes, signs, and symbols. Orishas are Yoruba pantheon deities worshipped in African and Afro-Diasporic religions, such as Umbanda and Cketo-nagô Candomblé. The analysis of orishas' mythology was carried out by documentary research from a universe of 301 myths of 32 orishas, privileging nine orishas for the myth analysis: Ogum, Oxóssi, Nanã, Obaluaiê, Xangô, Iansã, Oxum, Iemanjá and Oxalá. The symbolic interpretation of myths allows the understanding of the archetypes and meanings present in them. Mythology has a symbolic power in the development of the social imaginary, besides being important for the understanding of the world.

¹ Graduada em Turismo, Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais; mestranda em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, Brasil. E-mail: giuliamares@hotmail.com

² Doutorado, mestrado e bacharelado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do Programa de Pós-graduação em Hospitalidade e dos cursos de graduação em Turismo e Gastronomia da Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: seniabastos@gmail.com

Keywords: Umbanda; Orishas; Mythology; Imaginary; Archetype

Introdução

A Umbanda é uma religião afro-brasileira que apresenta, em seu universo simbólico, práticas, símbolos e tradições resultantes de circularidades culturais e contatos de diferentes grupos sociais e religiões, formando um culto multifacetado e dinâmicos que faz interfaces com as principais matrizes brasileiras: a população negra escravizada, indígena e europeia, representados por aspectos associados ao culto aos orixás, as imagens de santos católicos e rezas e benzimentos, ao processo de transe e incorporação presente em diferentes cultos africanos, indígenas e no espiritismo kardecista, e aos saberes sobre a natureza e uso de ervas que correspondem aos saberes tradicionais (SIMAS, 2021, p. 9; NOGUEIRA, 2021, p. 48).

Ela difere de outras religiões de matriz africanas como o Candomblé e o Tambor de Mina por seus princípios, rituais, práticas e universo simbólico, que abarca, além do culto aos orixás, o culto e a incorporação de entidades como preto-velhos (representação dos negros escravizados), caboclos (entidades indígenas), marinheiros e malandros, além de conhecimentos e rituais que a tornam única.

Em religiões cuja transmissão de conhecimento e preservação da memória e práticas ocorre por meio da oralidade, que se manifesta na fala, gestos e expressões não verbais, a mitologia tem um importante papel na sistematização das crenças, pensamentos e tradições culturais (PINHEIRO, 2017, p. 81).

As deidades representadas nos mitos possuem um papel intermediário entre um Deus maior e a humanidade, representando situações místicas, como também cotidianas. Esses mitos são narrativas utilizadas para expressar através de metáforas a relação do ser humano com a natureza, facilitando a compreensão dos fenômenos que ocorrem, podendo ser considerados alegorias que representam os fenômenos naturais do universo (RUTHVEN, 2010, p. 23). Dessa

forma, o pensamento mitológico, expresso por meio de metáforas, simbolismos, representações míticas e emocionais, fornece bases para que os praticantes da religião compreendam a realidade vivida. (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 25).

A mitologia iorubá apresenta os contos dos orixás, do cotidiano local, das festividades e dos elementos da natureza. O rico arcabouço religioso e pluralidade dos mitos iorubás podem ser encontrados em algumas religiões africanas e afro-diaspóricas, como na Umbanda, Candomblé e Santería, cultuadas em diferentes países da África, como também do Brasil e Cuba. Esses mitos explicam a ocorrência de fatos cotidianos e legitimam práticas e crenças dessas religiões. Devido a oralidade das religiões que cultuam os orixás, os mitos sofrem algumas modificações e alguns são perdidos, tornando complexo o estudo do tema. Por isso, para a realização do presente estudo, utilizou-se como referência o maior compilado de mitos iorubás já publicado: *A Mitologia dos Orixás* (PRANDI, 2001). A obra foi publicada em 2001 e é resultado de uma pesquisa do sociólogo Reginaldo Prandi e seu grupo de estudos acerca de mitologia iorubá, resultando em um acervo de 301 mitos de 32 orixás.

Partindo da pergunta problema: “Qual a relação entre a mitologia iorubá e a identidade e simbolismo na Umbanda?”, procura-se compreender a relação da mitologia dos Orixás e a criação do imaginário umbandista, seus elementos e símbolos³. Para alcançá-lo, a metodologia compreende pesquisa documental da mitologia de nove dos orixás cultuados na Umbanda: Ogum, Oxóssi, Nanã, Obaluaiê, Xangô, Iansã, Oxum, Iemanjá e Oxalá. É importante frisar que o panteão iorubá é composto por trinta e dois Orixás, cultuados de forma distinta no Candomblé, Santería e Umbanda, sendo que na última os nove selecionados para esse trabalho são os mais populares nos terreiros dessa religião. É importante ressaltar o caráter plural e multifacetado da religião, que tem a oralidade como forma de difusão de sua história, saberes, tradições, práticas

³ Compreende-se como símbolo, ou signo, como representações utilizadas para transmitir uma informação, indicar um objeto, ou remeter a outra coisa (LAMPREIA, 2008, p. 120).

sociais e mitos, sendo assim, não é possível estabelecer uma doutrina única (SIMAS, 2021, p. 8).

De acordo com Le Goff (1990), documentos/monumentos são produzidos por uma sociedade que dialoga com a memória coletiva. Sendo assim, o livro será tratado nesse trabalho como um documento, tendo em vista tratar-se da sistematização de mitos iorubás coletados de fontes primárias e secundárias. Por meio da análise bibliográfica desses mitos buscar-se-á compreender a relação entre os mitos dos orixás, suas representações, símbolos e arquétipos, com a criação do imaginário umbandista. Para a discussão do imaginário umbandista uma pesquisa nas bases de dados Scopus, SciELO e Periodicos CAPES foi realizada utilizando as palavras-chave Umbanda, Imaginário Social, Mitologia. Ademais buscou-se estabelecer um diálogo com os autores da religiosidade afro-brasileira como Simas (2021), Ortiz (1975) e Verger (2018).

O patrimônio cultural umbandista é formado por ritos, mitos, toques de atabaque, vestimentas e símbolos, representando sua história, cultura e tradição. O imaginário e as práticas umbandistas têm relação direta com os orixás e a relação entre eles e os homens. (NEGRÃO, 1993, p. 116). Portanto, sua mitologia possui um importante papel na manutenção desses símbolos que, juntos, possuem um poder simbólico, sendo representações de seu imaginário social.

2. Cultura e imaginário social

Cultura, segundo o antropólogo Clifford Geertz (1989, p. 14), é inerente aos seres humanos, está associada ao modo de vida e à memória de um povo, o comportamento humano, seus ritos, símbolos, modos de fazer e costumes, representa uma ação simbólica que possui um significado para o grupo. Para se conhecer a cultura requer-se um processo interpretativo que envolve analisar os significados por trás das práticas e o discurso social.

Os grupos sociais são constituídos a partir de uma rede simbólica que os significa. O imaginário social é formado por esse simbolismo que tem o poder de

diferenciar um grupo de outros, sendo uma presença viva que sustenta a identidade de um grupo (CARVALHO, 2002, p. 26).

O poder simbólico é o que significa o mundo para uma sociedade, sendo responsável pela construção da realidade desse grupo. É por meio dos símbolos que se estabelece a percepção do mundo e a reprodução da ordem social, sendo um importante instrumento de conhecimento e comunicação (BOURDIEU, 1989).

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 1989, p. 14).

Eliade (1991, p.17) reforça a importância dos símbolos para a percepção do mundo ao afirmar que o pensamento simbólico é inerente ao ser humano, releva aspectos profundos da realidade, criando imagens significativas para os seres humanos. O imaginário, por sua vez, é uma representação do pensamento, estabelece uma relação com a dimensão simbólica por meio dos símbolos, ritos, crenças, significantes e seus significados (PESAVENTO, 1995, p. 16).

A mitologia é, segundo Jung (1987, p. 53), uma representação do inconsciente coletivo e a projeção dessas representações formam os arquétipos. Os mitos são representações do inconsciente coletivo, seus símbolos e significados, e a interpretação dos mitos é realizada de forma simbólica, buscando identificar os motivos, significados subjacentes e seus símbolos. Assim, busca-se a compreensão da formação dos arquétipos e, por conseguinte, os elementos representados nas religiões⁴. Essa ideia é reforçada por Lévi-Strauss

⁴ Os estudos junguianos permitem compreender a relação entre mitologia e os arquétipos resultantes do inconsciente coletivo. Contudo para melhor compreensão do papel desses na cosmovisão dos terreiros, podem ser consultados textos diversos de Wanderson Flor do Nascimento, Rafael Haddock-Lobo e Madelyne dos Santos Barbosa.

(1978, p. 9) ao afirmar que “os mitos despertam no homem o pensamento que lhe são desconhecidos”.

Embora inscrita no domínio de religiosidades, sua produção é relevante também, na perspectiva de cultura, ou seja: a mitologia enquanto elemento constitutivo da cultura. “Neste momento o mito, por intermédio do rito, ganha um significado especial, para o ato da transmissão, pois ele se torna capaz de abrir um ‘espaço’ adequado para a constituição do resgate da tradição e da memória” (TAVARES; RIVAS, 2012, p. 73). Por vezes desvalorizado no campo científico, os mitos, e também o imaginário, são modelos e teorias que permitem pensar e compreender a realidade, tendo um papel fundamental para a cultura e para as tradições.

3. O universo simbólico Umbandista

A Umbanda é uma religião marcada pela pluralidade de expressões culturais, cultos e ritos originados do contato, das articulações e das alteridades e trocas que promovem a ligação dos seres humanos e o mundo espiritual (SIMAS, 2021, p. 20). Apesar de ser considerada ainda existir a concepção do surgimento da Umbanda a partir do mito criador o evento de 1908⁵, é impossível precisar o surgimento da religião, principalmente ao considerarmos seu aspecto multifacetado e considerar os debates sociais, políticos e econômicos na edificação da religião, não sendo possível estabelecer uma “data de origem” dos rituais e terreiros de Umbanda (ORTIZ, 1975, p. 92; SIMAS, 2021, p. 10).

O culto aos orixás advindo das diferentes nações africanas escravizadas no Brasil durante o período colonial, como iorubás, jejes, nagôs e bantos, e o

⁵ Em 1908, o jovem Zélio Fernandino de Moraes incorporou pela primeira vez o Caboclo das Sete Encruzilhadas, que anunciou o surgimento de uma nova religião onde todos seriam bem-vindos dando origem assim à Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, considerada a primeira tenda de Umbanda (SARACENI, 2012). Saraceni foi um teólogo de Umbanda, fundador da Associação Umbandista e Espiritualista do Estado de São Paulo, que escreveu uma série de textos para a criação de uma doutrina da Umbanda Sagrada.

sincretismo religioso⁶ com representações dos santos católicos originado na mesma época em razão da imposição da religiosidade católica pelos colonizadores, foram incorporados à Umbanda⁷, sendo uma de suas características estruturais mais marcantes e com papel importante no seu universo simbólico. O culto aos orixás é oriundo de religiosidades tradicionais africanas dentre os cultos das nações Iorubá (Nagô), Fons (Jejes), Bantu, entre outras. Os diferentes orixás que eram cultuados de forma individual por cada grupo foram incorporados na religiosidade afro-brasileira, redundando em diferentes ritos com características únicas (PRANDI, 2001, p. 19).

Associados à personalidade humana e aos elementos da natureza, como mar, trovão, cachoeira e pedreira, os mitos dos orixás narram em metáforas a relação do homem com o mundo, por meio da espiritualidade das coisas. Etimologicamente, Orixá, proveniente do termo iorubá *òrìṣà*, significa 'aquele que come na cabeça' e é o termo utilizado para designar as deidades do panteão iorubá (ROMÃO, 2018, p. 364).

Na Umbanda, Olorum é o Deus criador e os orixás como emanções da energia de Olorum e responsáveis pela criação e sustentação do mundo e da natureza (FRIEDERICKS, 2007, p. 2). Devido a diversidade e a pluralidade nos terreiros de Umbanda no Brasil, assim como a força da oralidade na reprodução da memória coletiva dessa religião, os orixás cultuados em cada terreiro costumam variar, embora nove orixás sejam mais comumente cultuados: Oxalá (incluindo Oxaguiã e Oxalufã), Ogum, Oxum, Xangô, Iemanjá, Iansã, Oxóssi, Obaluaiê (também conhecido como Omolu) e Nanã. (FREITAS, 1953)

Além do culto aos orixás, a Umbanda possui elementos, práticas, símbolos e dinâmicas que dialogam com elementos e rituais presentes em diferentes

⁶ De acordo com Ferretti (1997, p. 186), o sincretismo foi uma estratégia de sobrevivência do culto aos orixás, uma vez que os elementos da cultura negra foram oprimido pela cultura dominante.

⁷ É importante ressaltar o caráter multifacetado da(s) Umbanda(s), permitindo a transformação e adaptação dinâmica, permitindo a pluralidade e flexibilidade das práticas (SIMAS, 2021, p. 10)

tradições e religiões, como o Candomblé, a Santería, o Catolicismo, o Espiritismo Kardecista e as ritualísticas indígenas, como as imagens de santos católicos, o uso de ervas e fumo, os atabaques e as indumentárias (SIMAS, 2021, p. 26; NOGUEIRA, 2021, p. 48). Friedericks (2007, p.3) especifica outros elementos, a saber:

Os elementos das diferentes culturas que compõem a Umbanda coexistem através da utilização de símbolos específicos, que estão presentes de forma harmônica nos rituais, iniciações e sacramentos da religião, como a forma de relacionamento entre os vivos e os mortos do kardecismo, os santos católicos, os cantos africanos e as danças indígenas. (FRIEDERICKS, 2007, p. 3).

As práticas e rituais religiosos realizados nos terreiros possuem vasta representatividade simbólica, “criando uma dimensão mágica que procurar ligar o homem comum, em seu mundo profano, com a condição sobrenatural” (DUTRA, 2011, p. 23). O *corpus* religioso umbandista é composto, assim, por diferentes elementos e rituais que significam e fundamentam a religião, reafirmando a pluralidade de seus símbolos.

4. A Mitologia dos Orixás e o Imaginário Umbandista

A busca pela espiritualidade e, por conseguinte, a religião, é uma característica humana que, desde os primórdios busca, por intermédio de mitos e lendas, respostas para questões essenciais de nossa existência (SILVA; SILVA, 2014, p. 204). Essas histórias, reproduzidas ao longo dos anos, são incorporadas as religiões. Segundo Dittrich e Meireles (2015, p. 118), o ser humano é um ser religioso por natureza, encontrando sua dimensão existencial mais profunda na dimensão espiritual. E, assim, a religião tem um papel de acolher e amparar as pessoas, dando conforto físico e espiritual, apresentando respostas para os questionamentos existenciais, e criando vínculos sociais, entre pessoas que encontram na religião um ponto em comum.

Os mitos iorubás narram a relação dos seres humanos com a natureza e com a realidade, representando a interação entre o mundo material e o invisível,

buscando a interação entre os elementos físicos e espirituais, significando as vivências e representando os fenômenos naturais do universo (SIMAS, 2021, p. 9; PRANDI, 2001, p. 18). Nas lendas iorubás é notável as interfaces do sagrado e do profano, não em um sentido de dualidade, mas de interação, onde os orixás possuem sentimentos, como os humanos, expressando amor, raiva, inveja, desejos, o que

[...] apresenta um senso do tempo imaginal e uma proximidade com o sagrado menos intelectualizadas, mais espontâneas, mas bastante genuínas e fiéis ao modo próprio do seu acontecer (talvez por não ter sido objeto de racionalizações sociopolíticas, nem vítima de interpretações fundamentalistas, aliás incompatíveis com o “*ethos*” da sua espiritualidade). (BAIRRÃO, 2002, p. 58).

Na sociedade ioruba os mitos são oralmente transmitidos e representam as crenças e tradições de seu povo, permitem a compreensão da origem do mundo e do futuro, e explicam os fatos presentes vivenciados diariamente, formando assim uma importante estratégia de interpretação e poder simbólico (AZAMBUJA, 2010, p. 23). Na Umbanda os mitos têm um papel de explicar os mistérios da natureza e quem são seus orixás, suas qualidades, defeitos, preferências e gostos, permitindo que seus filhos e filhas de santo se identifiquem com essas características, desenvolvendo um senso de pertencimento. Esses mitos têm o papel de conectar as pessoas com a espiritualidade e suas entidades, e ensinar lições por meio das histórias vividas pelos orixás.

A influência da mitologia iorubá é observável em diferentes rituais da Umbanda, nas decorações dos terreiros, nos símbolos utilizados, nas festas, crenças, além de sua expansão para diferentes áreas da cultura nacional, influenciando a gastronomia, música, cinema, entre outros. Apesar das especificidades de cada terreiro, é possível observar, de forma geral, alguns dos aportes da mitologia, como o abebé⁸ de Oxum e os rituais fúnebres do Axêxê⁹.

⁸ Objeto da religiosidade iorubá, o abebé de Oxum é o espelho dourado (leque dourado) que integra a indumentária cerimonial (LOPES, 2011, p. 27).

⁹ Mito “Oia inventa o rito funerário do axexê” (PRANDI, 2001, p. 310).

Levando em consideração a visão junguiana, o imaginário tem uma dimensão ontológica, sendo construído na ação do ser humano no mundo, um resultado da vivência e da pluralidade de imagens, representando um rico patrimônio de linguagens, símbolos e artefatos que significam e expressam ritos, memórias, sentimentos e mitos. Os fenômenos observados pelos humanos representados nos mitos, são resultados de ideias e conceitos pré-existentes em seus subconscientes e estudar mitologia torna-se fundamental para compreender a função social desses símbolos para a criação de sentido e significados para o grupo (SEGAL, 1999, p. 90; JUNG, 1987, p. 125).

A essência das religiões está nas representações coletivas desse imaginário, que é constituído de arquétipos bem definidos de cada orixá (LEME, 2006, p. 21), que se refletem na personalidade dos praticantes, onde cada filho estabelece uma relação íntima com seu orixá e também com suas entidades, passando com eles a identificar-se. Por meio da análise da mitologia dos orixás, foi possível identificar que as lendas embasam os arquétipos associados aos orixás, como também reforça o senso comum e imaginário social dos praticantes da religião sobre a influência dos orixás na personalidade de seus filhos.

Na Mitologia dos Orixás, Oxum é considerada uma orixá bela, vaidosa e sensual. Representação das águas doces, tais como cachoeiras, rios e lagos, a orixá simboliza fertilidade, o ouro, o amor e a beleza. Oxum possui as cores amarelo e dourado e seu objeto são espelhos, representando sua beleza e vaidade (VERGER, 2018, p. 67). Nos diferentes mitos de Oxum é possível ver passagens que ressaltam a beleza da orixá, como no mito “Tanto foi Oxum à ossá”:

Mas a memória de sua beleza ficou inscrita
em cada um dos seixos polidos por seus pés.
A beleza de Oxum
Ficou para sempre nos *otás*. (PRANDI, 2001, p. 329).

Os mitos também apresentam o seu aspecto maternal, cuidado e devoção com seus filhos:

A triste esposa [filha de Oxum] correu para a casa de sua mãe
em busca de socorro

Oxum a recebeu carinhosamente e cuidou dela.
Triturou folhas e preparou-lhe um banho de bacia.
Banhou seu corpo, lavou o sangue, envolveu-a em panos
limpos
e a deixou repousando numa esteira sob a sombra de uma
árvore. (PRANDI, 2001, p. 479).

Iemanjá (*Íyémójá*, em iorubá), foi a primeira orixá criada e a mãe de todos os orixás. Talvez a mais famosa dos orixás, Iemanjá representa as águas salgadas, os mares e os oceanos. Seus elementos, fios de conta e trajes são azuis. Também chamada de Senhora das Cabeças, é Iemanjá que cuida dos *oris* (cabeças) de todos os mortais (PRANDI, 2001, p. 388). “O caso é que Iemanjá é a ‘Mãe da Vida’, e como tudo o que existe só existe porque foi gerado, então ela está na geração de tudo o que existe” (SARRACENI, 2017, p. 170). Nos diferentes mitos representados na Mitologia dos Orixás, o caráter de mãe e criadora é destacado, como nos mitos que representam a criação do universo e da terra “Iemanjá ajuda Olodumare na criação do mundo” (PRANDI, 2001, p. 380) e “Iemanjá dá à luz as estrelas, as nuvens e os orixás” (PRANDI, 2001, p. 385).

Ogum e Xangô são dois dos orixás masculino, talvez, mais famosos. Considerados de personalidade forte e conhecidos por serem os orixás guerreiro e Rei, respectivamente, os diferentes mitos os representam defendendo seu território e em batalhas.

Ogum foi um orixá guerreiro, feroz,
sempre caçando nas florestas, lutando para sobreviver.
Xangô foi um orixá briguento
e soube brigar tanto como Ogum. (PRANDI, 2001, p. 264)

Através da mitologia também é possível identificar o simbolismo de cada um dentro dos terreiros. A imagem de justiceiro associada a Xangô também é embasada nas lendas. Por meio do seu mito, ele é reconhecido como o orixá da Justiça. Após poupar seus inimigos que sobreviveram à guerra, seu senso de justiça foi admirado e cantado por todos, e, desde então, orixás e seres humanos recorrem a Xangô para resolver pendências e buscar justiça. Sua força é

simbolizada pelas pedreiras e pelo seu machado duplo, sempre presentes em suas representações (VERGER, 2018, p. 93).

Ogum, por outro lado, domina o segredo dos ferros, tem o conhecimento da forja e é um grande caçador e guerreiro. Sua força e coragem são suas principais características. Ogum, comumente representado pela cor azul, e sincretizado com o também guerreiro São Jorge (no Rio de Janeiro), é um dos arquétipos mais conhecidos da Umbanda, sempre empunhando sua espada, é um orixá de grande influência e poder (ROCHA, 2001, p. 15).

A avó dos orixás, Nanã Buruku, é a única cultuada na Umbanda que representa uma senhora, enquanto as demais são representadas como jovens. Na Mitologia dos Orixás, apesar de haver poucos mitos relacionados a ela, sua receptividade e acolhida são marcantes, oferece de comer e beber aos visitantes como forma de hospitalidade, tal como a imagem predominantemente acerca dos avós. A sabedoria de Nanã e sua parcimônia são associadas à sua idade e vivência. Com elementos caracterizados com a cor roxa, simboliza a calma, gentileza e dignidade, além de ser associada aos mangues e à lama. (VERGER, 2018, p. 80).

Iansã, também chama de Oiá (em iorubá: *Oya*), é a orixá guerreira, representa os ventos, tempestades e raios, assim como Santa Bárbara, santa com a qual é sincretizada. Sua caracterização é com vermelho, de temperamento ardente, é forte, determinada e autoritária (VERGER, 2018, p. 66). Nas passagens da mitologia iorubá, há representações de Oiá como guerreira. Ressaltam a força de seu sopro destrutivo, o que hoje denomina-se de tempestades.

Oiá recebeu a mensagem, acendeu sua fogueira
e começou a cantar seus encantamentos.
Oiá pronunciou algumas palavras
e cruzou seus braços em direção ao céu.
Um raio partiu as grades da prisão e Xangô foi liberado.
Ao sair, Xangô viu Oiá, que vinha pelo céu num redemoinho
e levou Xangô para longe da terra Tákua.
Oiá libertou Xangô com o raio.
Oiá libertou Xangô com o vento.
Oiá libertou Xangô. (PRANDI, 2001, p. 306)

Em todos os demais orixás, os imaginários que se encontram associados a esses arquétipos são corroborados pelos mitos. Por meio dos mitos também é possível compreender uma parte das ritualísticas nos terreiros, como os alimentos e oferendas aos orixás de acordo com suas preferências e tabus, como as oferendas de Oxalá não terem sal em virtude da sua *quizila*¹⁰ tê-lo deixado corcunda após rejeitar um *ebó*¹¹.

Os elementos simbólicos estão presentes nas narrativas, tais como personalidade, elementos da natureza e outros comportamentos retratados nos mitos, seja por meio da independência e coragem de Oxóssi, da serenidade e sabedoria de Oxalá, do poder de cura de Obaluaiê, ou entre as tantas outras características e símbolos dos diversos orixás representados na mitologia e perpetuados nos rituais nos terreiros de Umbanda. Dessa forma, os mitos são responsáveis pela estruturação dessas religiões, seus preceitos e crenças, além de fornecerem um arcabouço que explica os fundamentos religiosos.

Conclusão

Como precisamente colocado por Eliade (1991, p. 13), o mundo fala ao homem e para compreender essa linguagem, é preciso conhecer o mito e decifrar os símbolos. Por meio da análise dos mitos iorubás, foi possível compreender a importância que essa mitologia na criação do imaginário social umbandista. É importante destacar que os elementos religiosos umbandistas não se limitam as influências da mitologia iorubá, dialogando também com outras religiosidades,

¹⁰ Também chamadas de *euó*, as quizilas são restrições e proibições que representam coisas que não devem ser comidas, usadas ou feitas pelo Orixá e seus filhos. “As numerosas quizilas surgem dos repúdios dos orixás cuja individuação é feita a partir dos mitos: elas são referidas a elementos conectados com fatos negativos vividos pelos orixás e correspondem a paixões negativas que se concretizam como ojerizas, pois os orixás são energias desencarnadas, mas sensíveis às substâncias e aos elementos do mundo” (BASSI, 2012, p. 172).

¹¹ Ebó é uma prática das religiões de matriz africana para equilibrar e trocar energia. Ela consiste em oferendas realizadas a Orixás e entidades com o intuito restituir a harmonia entre a natureza, as pessoas e o mundo espiritual (TESSEROLLI, 2009, p. 2).

como o Candomblé Bantu e o Espiritismo. O simbolismo presente nos mitos e a sua expressão nos rituais são de extrema importância para a experiência religiosa nos terreiros de Umbanda. No culto aos orixás, o mito é vivo, transmitido pela tradição oral e traduzido e experienciado nos rituais, toques de atabaque, oferendas e na cultura umbandista como um todo.

O universo simbólico umbandista é, então, representado não apenas pela mitologia dos orixás, mas também materializado em seus ritos, trajes, imagens, cores, símbolos, instrumentos, rituais, danças e crenças. Junto aos imaginários estão essas representações que são estruturadas e significadas de formas únicas em cada grupo, em cada terreiro, envolvendo a percepção do mundo social e a manifestação de sua religiosidade.

Referências

- AZAMBUJA, M. P. D. *Uma visada sobre a presença dos orixás em João do Rio, Mário de Andrade e Jorge Amado*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2010.
- BAIRRÃO, J. F. M. H. Subterrâneos da submissão: sentidos do mal no imaginário Umbandista. *Memorandum*, Ribeirão Preto, p. 55-67, 2002. Disponível em: <https://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/artigo06.pdf> Acesso em: 6 de fevereiro de 2022
- BASSI, F. Revisitando os tabus: as cautelas rituais do povo de santo. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 170-192, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/gbQYsfW3zqQX5bcwwtC5vhD/abstract/?lang=pt> Acesso em: 6 de fevereiro de 2022
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.
- CARVALHO, J. E. C. D. Imaginário e representações sociais. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n. Especial Temática, 2002.
- DITTRICH, M. G.; MEIRELES, M. V. C. O ser religioso e a relação com a dimensão existencial. *Logos & Existência*. Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. v. 4, n. 2, p. 117-129, 2015.
- DUTRA, B. R. *"São muitas Bandas em uma só" Identidade religiosa na Umbanda - Estudo de caso na casa "O Além dos Orixás": Contagem/MG*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2011.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FERRETTI, S. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 182-198, jun. 1998. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000100010> Acesso em: 23 de janeiro de 2022.

FREITAS, B. T. *As mirongas de umbanda*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1953.

FRIEDERICKS, L. P. Umbanda: festas e hospitalidade. *IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*, Agosto 2007. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/4/197.pdf> Acesso em 25 de janeiro de 2022

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A, 1989.

JUNG, C. G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

LAMPREIA, C. O processo de desenvolvimento rumo ao símbolo: uma perspectiva pragmática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 60, n. 2, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arpb/v60n2/v60n2a12.pdf> Acesso em: 8 de fevereiro de 2022

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEME, F. R. *Usos do imaginário nos estudos afro-brasileiros e no culto umbandita*. Ribeirão Preto. 2006.

LÉVI-STRAUSS, C. *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70, 1978.

LOPES, N. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. [S.l.]: Selo Negro Edições, 2011.

NEGRÃO, L. N. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. *Tempo Social*, São Paulo, 5 (1-2), p.113-122, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84951/87679> Acesso em: 15 de março de 2022.

NOGUEIRA, L. C. As múltiplas influências da umbanda: do continuum mediúnico ao rizoma umbandista. *Revista Expedições, Morrinhos*, v. 12, p. 46-63, jan./dez. 2021. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/11213 Acesso em: 15 de janeiro de 2022

ORTIZ, R. Du syncrétisme a la synthèse: Umbanda, une religion brésilienne. *Archives de sciences sociales des religions*, v. 20, n. 40, p. 89-97, jul./dec. 1975.

PESAVENTO, S. J. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995. Disponível em: https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=14 Acesso em: 19 de janeiro de 2022

PINHEIRO, L. B. M. Tradição oral e memória dos povos de religiões afro-brasileiras: possibilidades de pesquisa em história. *Cadernos do Tempo Presentes*, São Cristóvão, v. 8, n. 4, p. 72-92, jul./dez; 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/9892> Acesso em: 25 de janeiro de 2022

PRANDI, R. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROCHA, M. M. D. Ogum. *Ravista Kàwé*, 2001.

- ROMÃO, T. L. C. Sincretismo Religioso como Estratégia de Sobrevivência Transnacional e Translacional: Divindades Africanas e Santos Católicos em Tradução. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, jan./abr 2018. 353-381. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/BYNWpsPRxzMYh4gGGCwH5Vk/abstract/?lang=pt> Acesso em: 20 de janeiro de 2022
- RUTHVEN, K. K. *O mito*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- SARACENI, R. *Os arquétipos da umbanda: as hierarquias espirituais dos orixás*. São Paulo: Madras, 2012.
- SEGAL, R. *Theorizing about myth*. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 1999.
- SILVA, J. B. D.; SILVA, L. B. D. Relação entre Religião, Espiritualidade e Sentido da Vida. *Logos & Existência*. , v. 3, n. 2, p. 203-215, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/22107> Acesso em: 7 de fevereiro de 2022
- SIMAS, L. A. *Umbandas: uma história do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2021.
- TAVARES, Y.; RIVAS, M. E. Tradição Oral: O silêncio da camarinha, a fala do inconsciente. *Religare*, v. 9, n. 1, p. 72-83, Março 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/15808> Acesso em: 12 de março de 2022
- TESSEROLLI, M. A. Breves reflexões sobre o Ebó, uma oferenda ritual. *Anais do XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões*, Goiania, p. 1 - 4, maio 2009. Disponível em: http://www.abhr.org.br/?page_id=1295 Acesso em: 20 de dezembro de 2021
- VERGER, P. F. *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018.

Recebido em 19-02-2022.
Aprovado em 21-06-2022.